



2024.2 . Ano XLI . Número 48

CALÍOPE

Presença Clássica

*Dossiê “Estudos sobre a literatura helenística
e a sua recepção antiga e moderna”*

Separata 7

2024.2 . Ano XLI . Número 48

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

Separata 7

Dossiê “Estudos sobre a literatura helenística
e a sua recepção antiga e moderna”

ORGANIZADORES

Flávia Amaral | Fernando Rodrigues Jr. | Rainer Guggenberger

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Roberto de Andrade Medronho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda
SUBSTITUTO EVENTUAL Beatriz Cristina de Paoli Correia

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basilio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University) – *in memoriam*
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Mosaico que representa uma cena marinha. Séc. I d.C. Ampúrias, L'Escalà, Alt Empordà (Espanha). Foto: Rainer Guggenberger.

EDITORACÃO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 48
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger | Leonardo Vichi | Vinicius Francisco Chichurra

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@lettras.ufrj.br

Diatribes 2 e 11 de Musônio Rufo: sobre o fato de o humano ter nascido para a virtude e sobre o meio de vida adequado ao filósofo¹

Cristóvão José dos Santos Júnior | Aldo Lopes Dinucci

RESUMO

Neste artigo, apresentamos traduções inéditas em língua portuguesa das diatribes 2 e 11 do filósofo estoico Caio Musônio Rufo (séc. I d.C.). Para tanto, partimos da edição crítica estabelecida pelo filólogo helenista Hense (1905), a qual foi revista e atualizada por Lutz (1947). Por fim, quanto à realização do texto de chegada, tivemos a oportunidade de cotejar nossa tradução com as inglesas de Lutz (1947) e de King (2011), bem como com a espanhola de García (1995).

PALAVRAS-CHAVE

Musônio Rufo; Diatribes; Estoicismo; Filosofia clássica. Tradução.

SUBMISSÃO 27.1.2025 | APROVAÇÃO 17.3.2025 | PUBLICAÇÃO 26.6.2025

DOI 10.17074/cpc.v1i48.66985

TRADUZINDO MUSÔNIO RUFO

Caio Musônio Rufo, célebre filósofo estoico do séc. I e professor de Epicteto, era, segundo a *Suda*,² filho de um romano da classe equestre de nome Capito. Suidas também nos diz ser Musônio tirreno (etrusco), natural de Volsínio, na Etrúria,³ e ter sido aluno de Hermógenes de Tarso, o sofista.⁴ Segundo as cronologias comumente aceitas,⁵ teria nascido no fim do reinado de Augusto ou no princípio do de Tibério (por volta do ano 30 EC) e vivido até o reinado dos Flavianos (entre os anos 90 e 100/101 EC).

Seguiu Rubélio Plauto⁶ quando este foi exilado por Nero⁷ em 60.⁸ Retornou a Roma após a morte de Plauto em 62, mas foi banido por Nero para a ilha de Giaros em 65,⁹ acusado de ter ocultado a conspiração de Pisão.¹⁰ Com a ascensão de Galba¹¹ (ano 68), Musônio retornou do exílio. Tentou, em 69, entre os embaixadores de Vitélio,¹² deter os soldados que marchavam sobre Roma, comandados por Marco Antônio Primo, general de Vespasiano,¹³ falando a eles sobre os benefícios da paz, mas não obteve êxito.¹⁴

Sob Vespasiano, processou Públio Celer,¹⁵ que, após a conspiração de Pisão, havia denunciado e levado à morte Barea Sorano¹⁶ (amigo de Musônio), obtendo a condenação.¹⁷ Foi o único filósofo que não foi banido de Roma por Vespasiano em 71,¹⁸ mas acabou sendo banido pelo próprio Vespasiano em 75, retornando após a morte deste em 79. Não se sabe a data de sua morte, mas tão somente que não mais vivia sob Trajano, pois Plínio refere-se a ele então como já falecido.¹⁹

Suidas menciona suas obras e cartas supostamente trocadas entre Musônio e Apolônio de Tiana, consideradas espúrias.²⁰ Musônio, porém, nada escreveu: dois alunos seus incumbiram-se dessa tarefa: um certo Lúcio, de quem nos chegaram 21 diatribes, preservadas por Estobeu,²¹ e certo Pólio, cuja obra não chegou senão em fragmentos.²² A edição crítica de sua obra é de autoria de Hense,²³ que deve ser complementada por um papiro incluído na edição de Lutz.²⁴

Parcela significativa do que se sabe sobre o pensamento musoniano pode ser examinada por intermédio de suas diatribes. Em cada diatribe, Musônio discute determinado tema, de modo que, cada texto, configura unidade própria e coesa de pensamento.

As diatribes 2 e 11 estão, em certa medida, tematicamente conectadas. Na diatribe 2, Musônio defende que o ser humano já nasceria predisposto à vida virtuosa, que deve ser cultivada, quotidianamente, de forma prática. Assim, o estoico reconhece que, embora apenas o filósofo se dedique ao estudo da virtude, todo ser humano possui, em si, elemento suficiente para viver de forma virtuosa. Já diatribe 11, Musônio defende que a vida simples no campo, em contato direto com a natureza, seria adequada ao filósofo.

Desse modo, nas duas diatribes ora apresentadas, percebe-se a defesa da filosofia como algo acessível a todos quanto a seu aspecto ético de ordem prática. Por um lado, todos nascem para a vida virtuosa, que é examinada pela filosofia (diatribe 2). Por outro lado, viver de forma simples, cultivando a terra para a partir dela se nutrir, seria adequado à atividade filosófica (diatribe 11).

Por fim, nossa tradução partiu da edição crítica estabelecida por Hense (1905) e atualizada por Lutz (1947). Quanto ao processo tradutório, cotejamos nossos textos de chegada com as traduções inglesas de Lutz (1947) e de King (2011) e com a tradução espanhola de García (2020). Note-se, ainda, que, pelo que nos foi dado saber, estas traduções são inéditas em língua portuguesa.

DIATRIBE 2

TEXTO DE PARTIDA GREGO

<ΕΚ ΤΟΥ ΟΤΙ ΠΡΟΣ ΑΡΕΤΗΝ ΓΕΓΟΝΕ Ο ΑΝΘΡΩΠΟΣ>

Πάντες, ἔφη, φύσει πεφύκαμεν οὕτως, ὥστε ζῆν ἀναμαρτήτως καὶ καλῶς, οὐχ ὁ μὲν ἡμῶν ὁ δ' οὐ· καὶ τούτου μέγα τεκμήριον ὅτι πᾶσιν ὁμοίως οἱ νομοθέται καὶ προστάττουσιν ἃ χρὴ ποιεῖν καὶ ἀπαγορεύουσιν ἃ μὴ χρὴ, οὐχ ὑπεξαιρούμενοι οὐδένα τῶν ἀπειθούντων ἢ τῶν ἀμαρτανόντων, ὥστε ἀτιμώρητον εἶναι, οὐ νέον, οὐ πρεσβύτην, οὐκ ἰσχυρόν, οὐκ ἀσθενῆ, οὐχ ὄντιναοῦν. καίτοι ἐχρῆν, εἰ ὅλον ἐπέισακτον τὸ τῆς ἀρετῆς ἦν, καὶ μηδὲν αὐτοῦ φύσει ἡμῖν μετῆν, ὥσπερ οὐδ' ἐν τοῖς ὑπὸ τὰς ἄλλας τέχνας οὖσιν ἔργοις οὐδεὶς ἀπαιτεῖται εἶναι ἀναμάρτητος, μὴ μεμαθηκώς τὴν τέχνην, οὕτως μηδ' ἐν τοῖς κατὰ τὸν βίον μηδένα ἀπαιτεῖσθαι εἶναι ἀναμάρτητον, ὅστις ἀρετὴν μὴ ἐξέμαθεν, ἐπεῖπερ ἀρετὴ μόνη ποιεῖ μὴ ἀμαρτάνειν ἐν βίῳ. νῦν δὲ ἐν μὲν θεραπείᾳ καμνόντων οὐδεὶς ἀναμάρτητον ἀξιοῖ εἶναι ἄλλον ἢ τὸν ἰατρὸν καὶ ἐν χρήσει λύρας οὐδένα ἄλλον ἢ τὸν μουσικόν <καὶ> ἐν χρήσει πηδάλιων οὐδένα ἄλλον ἢ τὸν κυβερνήτην· ἐν δὲ τῷ βίῳ οὐκέτι μόνον ἀναμάρτητον εἶναι τὸν φιλόσοφον ἀξιοῦσιν, ὃς δοκεῖ μόνος ἐπιμελεῖσθαι ἀρετῆς, ἀλλ' ὁμοίως ἅπαντας καὶ τοὺς μηδεμίαν ἐπιμέλειαν ταύτης πεποιημένους. δῆλον οὖν, ὡς οὐδὲν ἕτερον τούτου αἶπιον ἢ τὸ πρὸς ἀρετὴν γεγονέναι τὸν ἄνθρωπον. καὶ μὴν κάκεῖνο μέγα τεκμήριον τοῦ μετεῖναι ἀρετῆς φύσει ἡμῖν, τὸ πάντας οὕτως διαλέγεσθαι περὶ ἑαυτῶν, ὡς ἐχόντων ἀρετὴν καὶ ὄντων ἀγαθῶν. οὐδεὶς γάρ ἐστι τῶν πολλῶν, ὃς ἐρωτώμενος πότερον ἄφρων ἢ φρόνιμος τυγχάνει ὦν, ἄφρων ὁμολογήσει εἶναι· οὐδ' αὖ ἐρωτώμενος πότερον ἄδικος ἢ δίκαιος τυγχάνει ὦν, φήσκει ὅτι ἄδικος. ὁμοίως δὲ καὶ ἐρωτᾷ τις πότερον σῶφρων ἢ ἀκόλαστος, † ἢθ' οὕτως ἀποκρίνεται ἐρωτηθεὶς, ὅτι σῶφρων· καὶ ἀπλῶς ἂν ἐρωτᾷ τις πότερον ἀγαθὸς εἴη ἢ φαῦλος, φαίη ἂν <ὅτι> ἀγαθός, καὶ ταῦτ' οὐκ ἂν ἔχων εἰπεῖν οὔτε διδάσκαλον αὐτοῦ καλοκάγαθίας, οὔτε μάθησιν ἀρετῆς ἢ ἀσκησιν ἢν τοῦτ' οὖν τίνος ἄλλου τεκμήριόν ἐστιν ἢ οὐ φυσικὴν εἶναι ὑποβολὴν τῇ τοῦ ἀνθρώπου ψυχῇ πρὸς καλοκάγαθίαν καὶ σπέρμα ἀρετῆς ἐκάστω ἡμῶν ἐνεῖναι; διὰ δὲ τὸ πάντως ἀγαθοὺς ὑπάρχειν προσήκειν ἡμῖν, οἱ μὲν ἀπατῶμεθα ὡς καὶ δὴ ὄντες ἀγαθοί, οἱ δὲ αἰσχυρόμεθα ὁμολογεῖν <ὅτι> οὐκ ἐσμέν. ἐπεὶ διὰ τί, πρὸς θεῶν, γράμματα μὲν ἢ μουσικὴν ἢ παλαιστρικὴν οὐδεὶς μὴ μαθὼν εἰδέναι φησὶν, οὐδὲ ἔχειν τὰς τέχνας ταύτας προσποιεῖται, μὴ καὶ διδάσκαλον παρ' ὃν ἐφοῖτα ἔχων εἰπεῖν, ἀρετὴν δὲ ἔχειν πᾶς ὑπισχνεῖται; ὅτι

ἐκείνων μὲν οὐδενὸς φύσει τῷ ἀνθρώπῳ μέτεστιν, οὐδὲ ἥκει <τις> εἰς
τὸν βίον ἔχων ὑποβολὰς ***

TEXTO DE CHEGADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

<SOBRE O FATO DE O HUMANO TER NASCIDO PARA A VIRTUDE>²⁵

Musônio disse que todos, por natureza, nascem para viver livres de erro e belamente. Não há um de nós que não seja assim. Grande prova disso é o fato de que os legisladores prescrevem o que se deve fazer e proíbem o que não se deve para todos, igualmente, não excetuando nenhum dos que desobedecem ou erram, para não deixar ninguém sem punição, seja jovem, seja ancião, seja forte, seja fraco, quem quer que seja.

Portanto, se a totalidade da virtude nos fosse externa, e nós não a compartilhássemos por natureza, então – assim como, quanto às demais artes, não se exige que alguém que não tenha aprendido uma técnica não erre –, não se exigiria que alguém que não tivesse aprendido a virtude de cor fosse livre de erro nas ações da vida, já que, certamente, apenas a virtude nos faz não errar na vida.

De fato, no tratamento dos enfermos, nenhum outro é considerado livre de erro, senão o médico; no uso da lira, nenhum outro, senão o músico; no uso do timão, nenhum outro, senão o piloto. Mas, quanto à vida, não consideram que apenas o filósofo é livre de erro, quem parece ser o único a cuidar da virtude, de modo que todos são tratados igualmente, inclusive aqueles que nada fazem quanto ao cuidado da virtude.

É evidente, portanto, que a razão disso não é nenhuma outra senão o fato de que o humano é nascido para a virtude. Certamente, essa é a grande prova de que a virtude nos é compartilhada por natureza é que todos falam de si mesmos como possuindo virtude e sendo bons, pois nenhum há, entre os muitos, o qual, quando indagado se lhe ocorre ser justo ou injusto, responda que é injusto por natureza.

De modo semelhante, se alguém é indagado, também responde que é temperante. Ademais, em geral, quando alguém é indagado se é bom ou mau, diz que é bom, ainda que não consiga dizer quem lhe ensinou a *kalokagathia*,²⁶ nem como fez para que lhe ocorresse o aprendizado e a prática da virtude.

Portanto, isso não seria prova de outra coisa senão do fato de que a fundação natural da alma humana é para a *kalokagathia*, e que a semente da virtude é lançada em cada um de nós? Como é apropriado que sejamos bons, alguns de nós se enganam crendo serem bons, enquanto outros se envergonham ao reconhecer que não o são.

Por qual razão, pelos deuses, ninguém que não tenha aprendido letras ou música ou luta diz sabê-las, nem finge possuir essas artes sem dizer ter recorrido a professor relacionado a elas, mas todos professam possuir a virtude? Porque nenhuma delas é partilhada ao humano por natureza, nem há quem venha para a vida possuindo seus fundamentos [...].

DIATRIBE 11

TEXTO DE PARTIDA GREGO

ΕΚ ΤΟΥ ΤΙΣ Ο ΦΙΛΟΣΩΦΙ ΠΡΟΣΗΚΩΝ ΠΟΡΟΣ

Ἔστι καὶ ἕτερος πόρος οὐδὲν τούτου κακίων, τάχα δὲ καὶ ἀμείνων νομισθεῖς ἂν οὐκ ἀλόγως ἀνδρί γ' εὐρώστω τὸ σῶμα, ὃ ἀπὸ γῆς, ἂν τ' οὖν ἰδίαν ἔχη τις ἂν τε καὶ μή. πολλοὶ γὰρ δὴ καὶ ἀλλοτρίαν γῆν γεωργοῦντες, ἢ δημοσίαν ἢ ἰδιωτικὴν, δύνανται τρέφειν οὐ μόνον αὐτούς, καὶ τέκνα δὲ καὶ γυναῖκας· ἐνιοί γε δὴ καὶ εἰς ἄγαν ἀπὸ τούτου εὐποροῦσιν, αὐτουργικοὶ καὶ φιλόπονοι ὄντες. ἀμείβεται γὰρ ἡ γῆ κάλλιστα καὶ δικαιοτάτα τοὺς ἐπιμελομένους αὐτῆς, πολλαπλάσια ὧν λαμβάνει διδοῦσα καὶ ἀφθονίαν παρέχουσα πάντων τῶν ἀναγκαίων πρὸς τὸν βίον τῷ βουλομένῳ πονεῖν, καὶ ταῦτα μὲν σὺν τῷ πρέποντι, σὺν αἰσχύνῃ δ' οὐδὲν αὐτῶν. οὐ γάρ ἐστιν ἀνθρώπων οὐδεὶς μὴ θρυπτικός γε μηδὲ μαλακὸς ὢν, ὃς ἂν φαίη τῶν γεωργικῶν ἔργων <ὅτι>οὖν αἰσχρὸν ἢ ἀνάρμοστον ἀνδρὶ ἀγαθῷ εἶναι. πῶς μὲν γὰρ οὐ καλὸν τὸ φυτεύειν; πῶς δὲ τὸ ἀροῦν; πῶς δὲ τὸ ἀμπελουργεῖν; τὸ δὲ σπείρειν, τὸ δὲ θερίζειν, τὸ δὲ ἀλοᾶν, οὐ πάντ' ἐλευθέρια ταῦτα καὶ ἀνδράσιν ἀγαθοῖς πρέποντα; καὶ μὴν τὸ ποιμαίνειν ὥσπερ Ἡσίοδον

οὐ κατήσχυνεν οὐδ' ἐκώλυεν εἶναι θεοφιλῆ τε καὶ μουσικόν, οὕτως οὐδ' ἂν ἄλλον οὐδένα κωλύσειεν. ἐμοὶ μὲν δὴ καὶ ἀρεστὸν τοῦτο πάντων τῶν ἐν γεωργίαις ἔργων, ὅτι τῇ ψυχῇ παρέχει σχολὴν πλείονα διανοεῖσθαι τι καὶ ζητεῖν παιδείας ἐχόμενον. ὅσα μὲν γὰρ ἔργα πάνυ ἐντείνει τὸ σῶμα καὶ κάμπτει, ταῦτα καὶ τὴν ψυχὴν ἀναγκάζει πρὸς αὐτοῖς εἶναι μόνοις ἢ μάλιστα συνεντεινομένην τῷ σώματι· ὅσα δὲ τῶν ἔργων ἐφίησι μὴ ἄγαν ἐντετάσθαι τὸ σῶμα, ταῦτ' οὐκ ἀπείργει τὴν ψυχὴν ἐκλογίζεσθαι τι τῶν κρειπτόνων κάκ τῶν τοιούτων λογισμῶν αὐτὴν αὐτῆς γίνεσθαι σοφωτέραν, οὗ δὴ καὶ μάλιστα πᾶς φιλόσοφος ἐφίεται. διὰ ταῦτ' ἐγὼ τὴν ποιμενικὴν ἀσπάζομαι μάλιστα. εἴ γε μὴν ἅμα φιλοσοφεῖ τις καὶ γεωργεῖ, οὐκ ἄλλον ἂν παραβάλοιμι τούτῳ βίον οὐδὲ πορισμὸν ἕτερον προτιμήσαιμι ἄν. πῶς μὲν γὰρ οὐ κατὰ φύσιν μᾶλλον ἀπὸ γῆς, ἢ τροφός τε καὶ μήτηρ ἐστὶν ἡμῶν, ἢ ἀπ' ἄλλου του τρέφεσθαι; πῶς δ' οὐκ ἀνδρικώτερον τοῦ καθῆσθαι ἐν πόλει, ὥσπερ οἱ σοφισταί, τὸ ζῆν ἐν χωρίῳ; πῶς δ' οὐχ ὑγιεινότερον τοῦ σκιατροφεῖσθαι τὸ ἔξω διαιτᾶσθαι; τί δέ; ἐλευθεριώτερον αὐτὸν αὐτῷ μηχανᾶσθαι τὰ ἀναγκαῖα ἢ παρ' ἐτέρων λαμβάνειν; ἀλλὰ φαίνεται τὸ μὴ δεῖσθαι ἄλλου πρὸς τὰς χρεῖας τὰς αὐτοῦ πολὺ σεμνότερον ἢ τὸ δεῖσθαι. οὕτως ἄρα καλὸν καὶ εὐδαιμονικὸν καὶ θεοφιλες τὸ ζῆν ἀπὸ γεωργίας ἐστὶ, σὺν γε τῷ καλοκάγαθίας μὴ ὀλιγωρεῖν, ὥστε Μύσωνα τὸν Χηναῖον ὁ θεὸς ἀνείπε σοφὸν καὶ τὸν Ψωφίδιον Ἀγλαὸν εὐδαίμονα προσηγόρευσε, χωρικῶς ἐκάτερον αὐτῶν βιοῦντα καὶ αὐτουργία χρώμενον καὶ τῆς ἐν ἅστει διατριβῆς ἀπεχόμενον. ἄρ' οὖν οὐκ ἄξιον ζηλοῦν τε καὶ μιμεῖσθαι τούτους καὶ περιέχεσθαι σπουδῇ τοῦ γεωργεῖν;

Τί οὖν; οὐ δεινὸν φαίη τις ἂν ἴσως ἄνδρα παιδευτικὸν καὶ δυνάμενον προβιβάζειν νέους εἰς φιλοσοφίαν ἐργάζεσθαι γῆν καὶ τῷ σώματι πονεῖν τοῖς χωρίταις παραπλησίως; ναί. δεινὸν ἂν τοῦτο τῷ ὄντι ἦν, εἴπερ ἐκώλυεν ἡ ἐργασία τῆς γῆς φιλοσοφεῖν ἢ ἄλλους πρὸς φιλοσοφίαν ὠφελεῖν. νῦν δὲ καὶ μᾶλλον ἂν μοι δοκοῦσιν ὠφελεῖσθαι οἱ νέοι οὐκ ἐν πόλει τῷ διδασκάλῳ συνόντες οὐδ' ἐν τῇ διατριβῇ ἀκούοντες αὐτοῦ λέγοντος, ἀλλ' ἐργαζόμενον ἐπὶ τῆς ἀγροικίας ὁρῶντες καὶ ἔργῳ ἐνδεικνύμενον ἅπερ ὑφηγεῖται ὁ λόγος, ὅτι χρή πονεῖν καὶ κακοπαθεῖν τῷ σώματι μᾶλλον ἢ ἐτέρου δεῖσθαι τοῦ τρέφοντος. τί δὲ τὸ κωλύον ἐστὶ καὶ ἐργαζόμενον τοῦ διδασκάλου τὸν μαθητὴν ἀκούειν τι ἅμα περὶ σωφροσύνης ἢ δικαιοσύνης ἢ καρτερίας λέγοντος; πολλῶν μὲν γὰρ λόγων οὐ δεῖ τοῖς φιλοσοφήσουσι καλῶς, οὐδὲ τὸν ὅχλον τοῦτον τῶν θεωρημάτων ἀναληπτέον πάντως τοῖς νέοις, ἐφ' ᾧ φυσωμένους τοὺς σοφιστὰς ὁρῶμεν· ταῦτα γὰρ δὴ τῷ ὄντι ἱκανὰ κατατρίψαι βίον ἀνθρώπου ἐστὶ. τὰ δ' ἀναγκαῖα καὶ χρησιμώτατα μαθεῖν οὐκ ἀδύνατον καὶ πρὸς ἐργασίᾳ γεωργικῇ ὄντας, ἄλλως τε καὶ οὐ διὰ παντὸς ἐργασομένους, ἀλλὰ ἀναπαύλαις χρησομένους. ὀλίγοι μὲν οὖν τὸν τρόπον τοῦτον ἐθελήσουσι μανθάνειν, οἷδ' ἀκριβῶς ἐγώ· ἔστι δὲ ἄμεινον μὴδὲ προσιέναι τῷ

φιλοσόφῳ τοὺς πλείονας τῶν φιλοσοφεῖν λεγόντων νέων, ὅσοι σαθοί τε καὶ μαλακοί, δι' οὓς προσιόντας ἀναπίμπλαται κηλίδων φιλοσοφία. τῶν μὲν γὰρ ἀληθινῶν ἐραστῶν φιλοσοφίας οὐκ ἔστιν οὐδεὶς, ὃς οὐκ ἂν ἐθελήσειε μετ' ἀνδρὸς ἀγαθοῦ διάγειν ἐν χωρίῳ, καὶ εἰ χαλεπώτατον τύχοι ὄν τὸ χωρίον, μέλλων γε ἀπολαύειν μεγάλα ταύτης τῆς διατριβῆς τῷ συνεῖναι τῷ διδασκάλῳ νύκτωρ καὶ μεθ' ἡμέραν, τῷ ἀπεινᾶν τῶν ἀστικῶν κακῶν, ἅπερ ἐμπόδιον τῷ φιλοσοφεῖν, τῷ μὴ δύνασθαι λανθάνειν εὖ ἢ κακῶς τι ποιῶν, ὃ δὴ μέγιστον τοῖς παιδευομένοις ὄφελος· καὶ ἐσθίειν δὲ καὶ πίνειν καὶ καθεύδειν ἐφορῶμενον ὑπ' ἀνδρὸς ἀγαθοῦ μέγα ὄφελος. ἃ δὲ γένοιτ' ἂν ἐξ ἀνάγκης ἐν τῇ συνουσίᾳ τῇ κατ' ἀγρόν, ταῦτα ἐπαινεῖ καὶ Θέογνις ἐν οἷς φησι

καὶ μετὰ τῶν σύ γε πῖνε καὶ ἔσθιε, καὶ μετὰ τοῖσιν
ἵξε, καὶ ἄνδανε τοῖς, ὧν μεγάλη δύναμις.

ὅτι γε μὴν οὐκ ἄλλους τινὰς ἢ τοὺς ἀγαθοὺς ἄνδρας λέγει μεγάλην ἔχειν δύναμιν πρὸς ἀνθρώπων ὠφέλειαν, εἰ συνεσθίοι καὶ συμπίνοι τις αὐτοῖς καὶ συγκαθέζοιτο, δεδήλωκεν·

ἐσθλῶν μὲν γὰρ ἀπ' ἐσθλὰ μαθήσεται· ἦν δὲ κακοῖσι
†συμμιγῆς, ἀπολείς καὶ τὸν ἐόντα νόον.

μὴ δὴ λεγέτω τις ὅτι τῷ μανθάνειν ἢ τῷ διδάσκειν ἃ χρὴ τὸ γεωργεῖν ἐμπόδιον· οὐ γὰρ ἔοικεν οὕτως ἔχειν, εἰ δὴ μάλιστ' ἂν οὕτω καὶ ἐπὶ πλεῖστον ὁ μὲν μανθάνων συνεῖη τῷ διδάσκοντι, ὁ δὲ διδάσκων διὰ χειρὸς ἔχοι τὸν μανθάνοντα. τούτου δὲ τοιοῦτου ὄντος, ὁ πόρος ἐκ γεωργίας φαίνεται ὧν τῷ φιλοσόφῳ πρεπωδέστατος.

TEXTO DE CHEGADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

SOBRE O MEIO DE VIDA ADEQUADO AO FILÓSOFO

Também existe outro meio de vida em nada pior do que o nosso e, talvez, considerado até mesmo melhor, não sem razão, a um homem forte de corpo, como viver da terra, sendo seu proprietário ou não. De fato, muitos que lavram a terra alheia, pública ou privada, conseguem manter não apenas a si, mas também seus filhos e suas esposas. E alguns deles prosperam

muito, desde que sendo trabalhadores e diligentes, pois a terra retribui bem e justamente os que a cultivam, recompensando, em muitas vezes, o que recebe e concedendo fartura de todas as coisas necessárias à vida aos que querem trabalhar, fazendo-o com dignidade e sem qualquer desonra.

De fato, nenhum humano, a não ser que delicado e frágil, diria que os trabalhos agrícolas seriam vergonhosos ou inadequados a um bom homem. Afinal, como não seria bom plantar, arar ou cultivar vinhas? Além disso, as ações de semear, de colher e de debulhar não seriam todas próprias da condição de liberdade e adequadas a homens de bem? Igualmente, do mesmo modo como ser pastor não desonrou Hesíodo nem o impediu de ser abençoado pelos deuses e cantor devoto das musas, isso não impediria nenhum outro.

O que mais me agrada quanto a todos os trabalhos agrícolas é que eles fornecem maior ócio à alma para pensar e investigar sobre a educação. De fato, muitos trabalhos que distendem e dobram o corpo inteiro também forçam a alma a estar apenas neles ou a distendê-la excessivamente junto ao corpo. Mas existem tantos outros trabalhos que permitem não distender muito o corpo, não impedindo a alma de refletir acerca das coisas mais elevadas e, com tais reflexões, de se tornar mais sábia, algo que todo filósofo anseia muito.

Por causa disso, eu exalto, sobretudo, os trabalhos do pastor. Se alguém, ao mesmo tempo, filosofa e cultiva, eu não lhe apresentaria nenhum outro estilo de vida nem preferiria que tivesse outro sustento. Como nos alimentar da terra, que é nossa nutriz e nossa mãe, não estaria mais segundo a natureza do que viver de outra forma? Como viver no campo não seria mais viril do que ficar sentado na cidade como os sofistas? Como viver ao ar livre não seria mais saudável do que ficar na sombra? E o que seria mais adequado a alguém livre do que conquistar o que lhe seja necessário em vez de recebê-lo dos outros? Não depender do outro se mostra mais louvável do que depender.

Assim, viver da lavoura é – do mesmo modo que não desdenhar da nobreza de caráter – algo bom, feliz e abençoado

pelos deuses, como evidenciado quando o deus afirmou que o Míson de Queneia²⁷ seria sábio e que Áglao de Psófide seria feliz, vivendo cada um deles como camponês, trabalhando por conta própria e mantendo-se afastados da cidade.

Portanto, não seria digno emulá-los e imitá-los, abraçando com zelo a ideia de ser agricultor? Alguém poderia dizer: “E daí? Cultivar a terra e trabalhar o corpo como camponeses não seria estapafúrdio ao homem que ensina e que pode conduzir jovens à Filosofia? Sim, isso seria estapafúrdio se, realmente, o trabalho na terra o impedisse de filosofar ou de auxiliar outros na filosofia.

Em realidade, a meu ver, os jovens parecem ser mais favorecidos se – em vez de estarem juntos a seu professor na cidade para ouvir o que dizem suas diatribes – o vissem trabalhando no campo e lhes mostrando, por meio do trabalho, o caminho para o qual a razão nos conduz, no sentido de que é necessário trabalhar duro e sofrer, no próprio corpo, em vez de deixar que outra pessoa o auxilie. De fato, o que impediria um aluno de, enquanto trabalha, escutar seu professor falar sobre temperança, justiça e perseverança?

Por certo, os que desejam filosofar bem não precisam de muitas palavras, nem os jovens precisam do amontoado de todas as teorias das quais vemos os sofistas se enchendo, pois elas são suficientes para consumir a vida humana. Mas também não é impossível aprender as coisas mais necessárias e úteis trabalhando no campo, principalmente se não formos trabalhar o dia todo, desfrutando de intervalos para repouso. Eu sei que, certamente, poucos desejarão aprender desse modo. É melhor que a maioria dos jovens que dizem filosofar nem se aproxime de um filósofo; refiro-me aos sujeitos podres e fracos que sujam a imagem da filosofia.

De fato, dos verdadeiros amantes da filosofia não existe nenhum que não desejasse ficar no campo com um bom homem, mesmo se o lugar fosse de difícil ocupação, já que estaria destinado a desfrutar muito desse estilo de vida. Assim, ele estaria junto a seu professor noite e dia, ficando longe dos males da cidade, os quais atrapalham filosofar; e seus feitos, bons ou maus, não poderiam

passar despercebidos, o que seria o maior privilégio para os que estão sendo educados. Igualmente, comer, beber e dormir sob a tutela de um bom homem é grande privilégio. Teógnis também elogiava essas coisas que, inevitavelmente, aconteceriam estando no campo, quando diz: “Bebe, come e senta-te com eles, que possuem grande poder, e os agrada”.²⁸ Teógonis mostra que, de fato, os homens bons, não os demais, possuem grande poder para ajudar os humanos que comem, bebem e se sentam com eles, dizendo o seguinte: “Tu aprenderás coisas boas dos bons homens, mas, se tu te misturares com os maus, destruirás o teu próprio intelecto”.²⁹ Então, que ninguém diga que ser um agricultor é impedimento para aprender ou para ensinar, pois não parece provável que isso proceda estando quem aprende ainda mais junto a quem ensina, e guiando quem ensina a mão de quem aprende.

Assim sendo, viver do campo parece ser mais adequado ao filósofo.

ABSTRACT

In this article, we present previously unpublished Portuguese translations of Diatribes 2 and 11 by the Stoic philosopher Gaius Musonius Rufus (1st century CE). To this end, we have based our work on the critical edition established by the Hellenist philologist Hense (1905), which was later revised and updated by Lutz (1947). Finally, in rendering the target text, we had the opportunity to compare our translation with the English versions by Lutz (1947) and King (2011), as well as the Spanish translation by García (1995).

KEYWORDS

Musonius Rufus; Diatribes; Stoicism; Classical philosophy; Translation.

REFERÊNCIAS

- DINUCCI, A. **Introdução ao manual de Epicteto**. 3 ed. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.
- DIÃO CÁSSIO. **Roman History**. Tradução de Foster Cary. Harvard: Loeb Classical Library, 1914-1927.
- FILÓSTRATO. **Apollonius of Tiana**. Tradução de C.P. Jones. Harvard: Loeb Classical Library, 2005-2006. Vol. I, II, III.
- GARCÍA, Paloma Ortiz. **Musônio Rufo; Epicteto**: Disertaciones & Manual. Biblioteca Clásica Gredos: Titivillus, 2020.
- HENSE. **Musonii Rufi Reliquiae**. Leipzig, 1905.
- KING, Cynthia. **Musonius Rufus**: Lectures and Sayings. William B. Irvine (ed.). Seattle: CreateSpace, 2011.
- LAURENTI. Musonio, maestro di Epitteto. In: **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, 2.36.3, 1989, p. 2105-2146.
- LUTZ, Cora. Musonius Rufus: the Roman Socrates. In: **Yale Classical Studies**, v. X, BELLINGER, A.R. (ed.), Yale: Yale University Press, 1947.
- PLÍNIO O JOVEM. **Letters**. Tradução de B. Radice. Harvard: Loeb Classical Library, 1969. Vol. I, II.
- SANTOS JÚNIOR, Cristóvão José dos. **Tradução e vocabulário estoico de diatribes de Musônio Rufo**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2025.
- SUIDAS. **Suidae Lexicon**. Ada Adler (ed.). Leipzig, 1928-1938.
- TÁCITO. **Annals**. Tradução de Jackson John. Harvard: Loeb Classical Library, 1937. Vol. I, II.

¹ O trabalho ora apresentado está diretamente vinculado a nossa tese de doutoramento, desenvolvida na Universidade Federal de Sergipe e intitulada *Tradução e vocabulário estoico de diatribes de Musônio Rufo*.

² Suidas, *Suda*, M, 1305.

³ Suidas, *Suda*, M, 1305. Etrúria, chamada comumente de *Tyrrhenia* nos textos gregos e latinos: situava-se na região central da Itália, cobrindo parcialmente as áreas das atuais províncias italianas de Toscana, Lácio, Emília Romana e Úmbria.

⁴ Suidas, *Suda*, E, 3046.

⁵ Cf. King, 2011, p. 13.

⁶ Aristocrata romano e opositor de Nero, por quem foi condenado à morte. Viveu entre 33 e 62 d.C.

⁷ Imperador de Roma que governou entre os anos 54 e 68 d.C.

⁸ Tácito, *Anais*, XIV, 59. Tácito nos diz que os filósofos Musônio e Coeranus da Grécia aconselharam Plauto a aguardar a morte com firmeza ao invés de levar uma vida precária e ansiosa.

⁹ Cf. Tácito, *Anais*, XV, 71; Dion Cássio, LXII; Epicteto, *Diatribes* I.25.19-20; II.6.22; III.24.1000 e 109; Filóstrato (*Vida de Apolônio*, VII, 16) nos diz que os gregos iam, por barco, visitar Musônio para ouvir seus discursos; e que, após a partida de Musônio, iam até Giaros para visitar uma fonte de água que teria sido descoberta pelo filósofo na ilha, que, até sua chegada, não tinha fonte de água potável conhecida. Giaros (atual Yioura) é uma ilha desolada do arquipélago grego das Cíclades. Miserável desde a Antiguidade, habitada por uns poucos pescadores, tornou-se posteriormente destino de vários banidos pelos imperadores romanos.

¹⁰ Gneu Calpúrnio Pisão, senador romano que comandou uma conspiração contra Nero em 65 d.C.

¹¹ Imperador de Roma que governou por sete meses entre os anos 68 e 69 d.C.

¹² Imperador de Roma que, tendo assumido o império em 69 d.C., renunciou pouco depois e foi executado pelos soldados de Vespasiano.

¹³ Imperador de Roma entre os anos 69 e 70 d.C.

¹⁴ Tácito, *Histórias*, III, 81. Tácito nos diz que “Musônio uniu-se às tropas, e, amplificando as bênçãos da paz e os perigos da Guerra, começou a admoestar a multidão armada. Muitos acharam-no ridículo; outros, cansativo; outros estavam prontos para atirá-lo ao chão e pisoteá-lo caso ele não tivesse ouvido os avisos dos mais comportados e as ameaças dos outros e cessado de exibir sua extemporânea sabedoria”.

¹⁵ Filósofo estoico que, tendo sido informante de Nero, foi condenado à morte e executado sob Vespasiano.

¹⁶ Senador romano condenado à morte por Nero. Suicidou-se em 65 ou 66 d.C.

¹⁷ Tácito, *Histórias*, IV, 10; 40. Tácito nos diz que Musônio Rufo acusou Públio Celer de ter promovido a destruição de Bareas Sorano por perjúrio. Naquele momento, a memória de Sorano era mantida com reverência. Celer, por outro lado, como professor de filosofia, mas, ao mesmo tempo, amigo e delator de Bareas, era visto como evidentemente culpado.

¹⁸ Dião Cássio, LXV, 13.

¹⁹ Plínio, o Jovem, *Cartas*, III, 11.

²⁰ Filostrato, *Vida de Apolônio de Tiana*, IV, 46.

²¹ Estobeu, *Florilégio*, XXIX, 78; LVI, 18.

²² Por exemplo: Aulo Gélíio, v. 1; IX.2; XVI.1.

²³ Hense. *Musonii Rufi Reliquiae*. Leipzig 1905. Outros trabalhos importantes e recentes que tratam de Musônio são: LAURENTI. Musonio, maestro di Epitteto. In: *ANRW* 2.36.3, 1989, p. 2105-2146; FRANCIS, J. A. *Subversive virtue: asceticism and authority in the second-century pagan world*. University Park, Pa., Pennsylvania State University Press. 1995, p. 11-16.

²⁴ CORA LUTZ. *Musonius Rufus: the Roman Socrates*. In: Yale Classical Studies, Volume X.A.R. Bellinger (ed.). Yale: Yale University Press, 1947; CYNTHIA KING. *Musonius Rufus: Lectures and Sayings*. William B. Irvine (ed.). Seattle: CreateSpace, 2011.

²⁵ O título grego não consta da edição de Hense (1905), havendo sido incluído na edição de Lutz (1947).

²⁶ *καλοκαγαθία* significa “belo e virtuoso”, podendo ser traduzido como “bondade” ou “nobreza”. Em textos filosóficos, esse conceito costuma estar

ligado ao ideal de virtude.

²⁷ Míson de Queneia é considerado possível membro do grupo dos Sete Sábios (Tales de Mileto, Bias de Priene, Pítaco de Mitilene, Sólon de Atenas, Cléobulo de Lindos, Quílon de Esparta e Míson de Queneia). Consoante a fortuna crítica, teria sido agricultor e teria vivido na Lacônia ou em Creta no séc. VI AEC.

²⁸ Teógnis, *Elegias*, v. 33-34.

²⁹ Idem, *ibidem*, v. 35-36.